tâncias, como fazer qualquer crítica sem primeiro passar ao estado definido em tal teoria ?»

O papel de «Síntese» é fazer cultura. Não se confunda isto com alardear cul-tura. Fazer cultura que é senão forne-cer elementos para uma cultura ?
Pois bem: os elementos duma cul-tura são, em primeiro lugar, os conhe-cimentos que hão-de constituir a base da cultura, a parte material, sólida, real da cultura; em seguida, a orientação, a elucidação e a crítica. Como podere-mos nós então entender esta acção: — fa\er cultura, sem esta outra : — divul-gar?. Divulgar é já três quartos de cul-tivar. E foi por isso que o Dr. Gaspar Simões achou que «Síntese» pendia mais para a divulgação que para a cultura. E como se dissesse que os rios correm mais para a foz do que para o mar.

E agora a outra questão: a das pala-vras còmesinhas.
Divulgar, vulgarisar, é precisamente isto: reduzir os assuntos a palavras còmesinhas, para que toda a gente en-tenda. É precisamente o que o Dr. Gas-par Simões nos faz notar como uma inferioridade. De resto, a expressão «palavras còmesinhas» é muito relativa : onde o Dr. Gaspar Simões, que conhece as ideias de Freud, vê palavras còmesi-nhas, a maioria dos leitores vê apenas o freudismo em termos assimiláveis; vê uma ideia que os termos arrevezados e a especulação transcendental tornavam inacessíveis ao grande público. Se não conseguirmos pôr a «Relatividade» em termos còmesinhos, mas exactos, não

faremos obra útil; quem não a conhe-cer, continuará a desconhecê-la ; é quem a conhecer, não precisará da nossa divulgação. Leva-nos isto, rapidamente, à crítica de

«Portucale» — que diz, com uma pe-tulância que julgávamos impossível em mentalidades superiores: «Síntese». . . «vem-nos contar as suas descobertas que, como é natural, são aquilo que estamos fartos de saber, na ciência, na filosofia e na arte». Se estão fartos de o saber, façam-no saber aos outros, que o ignoram, e a quem nós nos diri-gimos. «Síntese», como todas as revis-tas de cultura, não se dirige aos cultos enciclopédicos, como Suas Ex. a s

de
«Portucale», mas, pelo contrário, aos que querem cultivar-se, e de entre os cultos àqueles que, não sendo enciclo-pédicos e universais, como Suas Ex. a s de «Portucale», procuram nas revistas de cultura o que lhes falta conhecer, ou o que está fora do seu campo habitual. Seriam estas duas críticas ditadas pelo horror da divulgação, que assom-bra as mentalidades superiores portu-guesas, os nossos homens de letras, os nossos lentes, os nossos sábios ?
Entre nós, a palavra divulgar tem um significado de inferioridade. Divul-gar, levar aos outros aquilo que se sabe, não é trabalho para os nossos homens de ciência, que estão muito acima dessa coisa mesquinha. Que um Louis de Broglie o faça, que o façam um Charles Fabry, um Reichenbach, um Caullery, um Carnap, um Jeans, um Einstein, um Thomson. . . vá. Mas os nossos!...